

Aves de arribação – o processo de “importação” de jogadores na cidade do Recife: conquistando glórias a preço de ouro (1915- 1920).

RODRIGO CARRAPATOSO DE LIMA¹

Introdução

Nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade do Recife, assim como outras cidades do país, atravessava um profundo processo de transformações urbanas e sociais resultantes das mudanças políticas e econômicas no Brasil. A chegada da República e a abolição da escravidão davam à nação ares de liberdade, igualdade, democracia e modernidade. Outras transformações viriam, ligadas aos ideais de modernidade e progresso, almejando os padrões de civilização, disseminados pelas grandes cidades européias e que ocorriam de acordo com a expansão das práticas capitalistas.

A cidade do Recife, então, era o centro comercial e financeiro do Nordeste do Brasil revelando-se pólo irradiador dos novos valores modernistas, cosmopolitas, civilizadores e progressistas dessa região. A elite urbana recifense, composta, basicamente, das antigas famílias rurais, comerciantes, industriais e banqueiros, seguiam as tendências e modismos da Capital Federal, o Rio de Janeiro, e da Europa de modo geral.

Uma verdadeira revolução urbanística modernizadora estava em andamento no Recife. Com o crescimento bastante expressivo da população se fazia necessário a reorganização dos serviços de luz elétrica, abertura e calçamento de ruas e avenidas, de transporte, de higiene e saúde públicas. É significativo o crescimento de vários serviços urbanos que contribuíram para modernizar a cidade. As palavras de ordem eram “urbanizar, civilizar e modernizar” (REZENDE, 2000: 51).

Não se pode deixar de destacar que boa parte dessas novidades advindas da modernidade nem sempre estavam acessíveis a toda a população indistintamente. Inicialmente, poucos foram o que experimentavam essas “comodidades” que chegavam ao Recife, embora o acesso a essas

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: rodrigocarrapatoso@yahoo.com.br.

novidades não dependesse somente do poder aquisitivo pessoal, mas também das escolhas e opções de cada um. (COUCEIRO, 2003: 62)

Já difundido no continente europeu, o futebol tem na recepção brasileira mais uma das modernidades a serem incorporadas. Havia transcorridos poucos anos após a Proclamação da República (1889) e a intenção era acompanhar os ideais europeus de civilidade.

No início do século XX se encontra a sociogênese do futebol no Brasil, onde se tentava um processo de ruptura do passado colonial/monárquico, procurando-se às novas experiências socioculturais, tais como o regime republicano e a busca por acompanhar os ideais europeus de civilidade e modernidade. Em outras palavras, se discutia a funcionalidade e representatividade do futebol na nova sociedade republicana, pautando-se no modelo civilizatório oriundo da Europa. A presença estrangeira no território recifense, principalmente a inglesa, trouxe consigo modismos e ideias inerentes ao conceito de modernidade, associados ao progresso e ao cosmopolitismo, conceitos esses adotados pela burguesia da cidade.

Não obstante o futebol na Inglaterra ser amplamente praticado por grande contingente de trabalhadores², no Brasil, esse novo esporte ganhou uma marca de refinamento que garantia aos seus adeptos a posição de dianteira da civilização e reforçava a imagem, que estava sendo construída, de restrição do jogo.

Atribuía-se ao futebol uma série de vantagens, tais como desenvolvimento do caráter, cavalheirismo, higienização dos corpos, coordenação dos movimentos. Dessa forma, o futebol tornava-se importante opção de lazer e de exercício físico, ganhando cada vez mais adeptos. “*A educação physica que não já muito era julgada sem importância, em nosso meio, tem se adiantado consideravelmente*” (Jornal do Recife, 08/8/1915, pág. 05).

Nas duas primeiras décadas do século XX o futebol se tornou um modismo da “nossa melhor sociedade”. Os jogos eram verdadeiros eventos sociais com a presença também do público feminino que ostentavam suas *toilettes*. Assim, a parcela rica e elegante do Recife inculcia ao futebol *status* de elegância e refinamento.

² Os novos esportes abriram caminho até a classe operária e, mesmo antes de 1914, alguns deles eram entusiasticamente praticados por operários – havia na Inglaterra, talvez um milhão de jogadores de futebol- que eram observados e seguidos com paixão por grandes multidões. (Hobsbawm, 1998: 256)

Como nas principais cidades brasileiras, em Recife, o futebol teve seu “começo” atrelado aos jovens endinheirados, estudantes de Medicina, Direito e Engenharia, industriais, grandes comerciantes e profissionais liberais que buscavam na prática futebolística, além de uma atividade física moderna e civilizada, uma distinção social e racial.

A secca no sertão sportivo – as aves de arribação

Os defensores do futebol estritamente amador, filhos da minoria economicamente privilegiada, que primava pelo *fair-play*³, não aceitavam que os jogadores “voassem” para outros clubes. A discussão em torno da mudança de clubes por parte dos jogadores entra em cena. Comparados a aves de arribação, os jogadores que trocam de time são criticados por tal atitude.

É muito comum nos sertões, quando a secca se alastra em que não há grãos, nem fructas ou mesmos vermes na terra, devido ao calor excessivo, certas aves mudarem de pousada. Phenomeno semelhante se dá no meio sportivo. Durante a temporada – o rigor do inverno – as victorias dos clubs prendem o sócio; elle é um grande defensor de suas cores. Quando, porém, os jogos terminam, o que começam as férias sportivas – o calor do verão – alguns sócios, quaes outras paracys começar a arribar – muito lhes merece o título de aves de arribação. O Contrário, que succede a estas aves, que, terminado o vigor do verão, voltam a sua terra natal, muitos dellas para o ninho, o contrario, repetimos, se da com os sócios de foot-ball, que, quando procuram novos horizontes, poucos delles voltam ao lar paterno. E é assim o nosso meio sportivo: há dessas ingratições. Que façam um exame na sua consciência aquelles que procuram nesta época o rumo de glorias que o seu club não lhe pode conferir. (Jornal Pequeno, 22/01/1918, p.02)

As notícias de mudança de clube por parte dos jogadores ganham as páginas dos jornais. Uma delas chama atenção, pois o futebolista “acusado” de ser uma ave de arribação escreve ao jornal para se defender das “*pequenas injustiças*” e “*salvaguardar toda [...] dignidade de cidadão brasileiro e de verdadeiro sportman*”.

A carta publicada na coluna de esportes deixa claro algumas características do amadorismo, orientado pelos valores da moral e identidade ao clube.

Tendo eu lido no Jornal Pequeno [...] que eu ia jogar na presente temporada sportiva pelo Varzeano, cumpre-me vir terminantemente negar tal notícia e vos asseverar [...] que sou cumpridor de minha palavra e que não sou ave de arribação para abandonar meu club – o Sport Club do Recife – pelo qual fui campeão este anno passado e ao

³ O Fair-Play nada mais é do que o jogo limpo, jogo leal que respeita as regras e o adversário. Utilizo aqui como sinônimo de cavalheirismo.

qual tenho verdadeiro amor de verdadeiro sportman que me prése em ser. (Jornal Pequeno, 26/01/1918, p.02).

Para os defensores do amadorismo, a prática futebolística era revestida por amor. O *sportman* estava engajado no futebol somente pelo prazer e benefícios físicos e mentais próprios e sociais derivados dele. Com base nos preceitos dos ingleses, o futebol era dito como um esporte capaz de ressaltar as virtudes dos homens: elegância, ética, aceitação e respeito às regras e aos códigos esportivos, em que os competidores são adversários esportivos e não inimigos.

A construção de arapucas⁴ para pegar as aves de arribação multiplicava-se. “*Aquella que offerecer melhor vantagem, levará de vencida os demais.*” (Jornal Pequeno, 07/3/1918, p.02).

[...] vemos um director de sport de um certo club escrever uma carta a um optimo jogador de outro, offerecendo a thesouraria do seu club, em caso de necessidade, a fim de este jogar pelo club delle. E essa carta andou de mão em mão, sendo lida em plena sessão do club do sócio destinatário. E as aves de arribação estão voando, olhando para debaixo das arapucas, afim de conhecer qual dellas lhes offerece melhor vantagem, melhor alimento. (Jornal Pequeno, 07/3/1918, p.02).

Na tentativa de reforçar seu plantel, na busca por competência e necessidade de vitória, o clube oferece o cargo de tesoureiro a um jogador alheio. Numa sociedade que tentava se estabelecer como capitalista, a administração das finanças de um clube era uma das funções mais importantes e estratégicas dentre sua estrutura de poder.

Como nessa década o futebol era dotado de uma tradição romântica⁵, o fato de um jogador mudar de time era taxado de profissionalismo dissimulado, pois essa situação levava a crer que havia algum interesse individual acima dos valores esportivos, que não era necessariamente dinheiro, mas podia ser alguma vantagem recebida, tal como um cargo.

⁴ Artefato que consiste em uma armadilha rústica feita para caçar pequenos animais, entre os quais aves atraindo-as com sementes.

⁵ A grosso modo, como uma atitude, um comportamento que desperta o sentimentalismo exacerbado, o individualismo. Modo de ser do indivíduo que é muito sonhador, sentimental, emotivo, etc. Atitude do indivíduo que é desprovido de prudência prática, de senso de realidade, aquele que se deixa guiar pela imaginação, se entrega ao devaneio de forma irracional.

Alimentado pelas bilheterias e pelos bolsos dos ricos coronéis⁶, existia controvérsia até mesmos entre clubes que mantinham relações de amizade.

Ora, dous clubs amigos, amicíssimos podemos dizer, acabam de romper as relações cordiaes que sempre mantiveram, por causa principal de uma arapuca armada na porta da sede de um delles posta pelo outro. [...] Eis que o emissário foi agarrado e tudo... ficou descoberto! Clubs amigos... quase colligados... proceder um dessa maneira. Oh! Isso é cruel! [...] E as relações estão rotas. Os preparativos para o combate estão sendo feitos. Os gazes asphixiantes estão promptos para suffocar as pretensões justas ou não, do club offensor, na camara desportiva. (Jornal Pequeno, 13/3/1918, p.02)

Para que um jogador estivesse apto a jogar por um time, duas eram as formas de regularização. A primeira, mais simples, é a opção do jogador quando este ainda não jogou por nenhum time anteriormente, nem tampouco nos anos anteriores, e está presente na lista de sócios de dois ou mais times, se fazendo necessário, portanto, a escolha de qual time o sócio deseja jogar dentre eles.

A segunda é a transferência. Quando um clube adquire jogador de outro time, é necessário que a Liga emita a documentação da transferência. Para que o presidente da Liga atenda ao pedido o jogador deve juntar um recibo de quitação do clube onde jogou. [...] *“alguns sócios, porem, devem aos clubs por onde jogaram, não só mensalidades, com também camisas, boticas, etc, etc. (Jornal Pequeno, 05/4/1918).*

Como foi dito anteriormente, o clima entre os clubes estava ficando tenso. Competidores, estas associações não se cansavam em procurar novas “presas”. Quando o Peres ameaçou sair da Liga⁷, esfacelando assim seu elenco, *“houve um movimento desusado na Rua Nova: parecia um exercito que ia tomar de assalto alguma fortaleza com sua artilharia pesada – eram as suas grandes arapucas que se movimentaram das sedes dos clubs para aquelle local.”* A atmosfera de disputa por jogadores tinha como *“resultado queixas, magoas, choros e ingratidões”* (Jornal Pequeno, 06/4/1918, p.02).

⁶ Torre Sport Club - Directoria de honra: Presidente Cel. Frederico Lundgren, 2º vice-presidente José Antonio Gonçalves de Mello. Conselheiros: Arthur Lundgren, Antonio Loyo de Amorim, Vicente Domingos Ferreira, dr. Ulysses Pernambucano de Mello.

⁷ Quando foi retirado da primeira divisão e colocado na segunda, alguns de seus sócios e diretores, insatisfeitos, mostraram o desejo de deixar a Liga Pernambucana de Desportos Terrestres. Na ocasião de sua assembléia, por somente dois votos de diferença, votou-se pela permanência do Peres na Liga. (Jornal Pequeno, 04/4/1918, p.02).

Quando se nos arrebatava aquillo que muito queremos, quando o nosso coração é ferido inopinadamente por aquillo que chamamos ingratição, quando o ente a que tanto prezávamos é arrebatado por um terceiro, nasce em nós mesmos uma queixa profunda, um quase ódio, que muitas vezes nos faz vangloriar pelas perdas que possa ter aquelle que nos fez mal. É da humanidade o ódio e o despeito. (Jornal Pequeno, 06/4/1918, p.02).

Então o que fazer com o clube que lhe tirou o seu jogador? Um importante mecanismo de controle estava nas mãos dos clubes. Como a Liga exige o recibo de quitação junto ao pedido de transferência do jogador, esta pode ser negada se as dívidas não forem pagas.

Ah! É muito simples, é a vingança do pagamento das dívidas, é a vingança patrocinada pela Liga, é a vingança dessas que lavam o peito, dessas que são traduzidas pelo riso nos lábios, é a vingança de ver aquelle club, que lhe arrebatou o jogador, tirar do seu cofre a quantia necessária para pagar a dívida que certamente estando no club seria perdoada, como fazem todas as associações. (Jornal Pequeno, 06/4/1918, p.02).

Mesmo que indiretamente, os clubes agora deveriam desembolsar dinheiro para contar com determinado jogador. O clube interessado em contar com o jogador deveria pagar sua dívida no clube ao qual ele pertence. Sem esse pagamento, o clube não liberaria o jogador em questão. Os valores das dívidas dos jogadores em seus clubes atingem níveis que causam espanto ao redator do Jornal Pequeno, como vemos seguir.

E tem sido uma cousa estupenda. Na ultima sessão da Liga, o representante do Sport embargou a lista de opção dos jogadores do Flamengo por ter um que devia a bagatela de 120\$000 áquelle club!!! O Varzeano, ao que nos consta, tem de pagar ao Casa-Forte a diminuta quantia de 87\$000!! Do Ypiranga ao Torre a quantia é bem pequena: pode ir no máximo a uns 70\$000!! E os outros clubs? Ah, si nós fizermos um apanhado dessas quantias vão a mais de 500\$000, no barato. (Jornal Pequeno, 06/4/1918, p.02).

O que já é foot-ball em nossa terra

O ano de 1918 foi um ano de muita movimentação no porto do Recife com a chegada de novos jogadores, principalmente dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Além de Alex Mugen, Francisco Bermudes e Perez trazidos pelo America (PE) no mês de março, outros vieram ao Recife para jogar o campeonato de 1918.

O Torre Sport Club trouxe de São Paulo, Manoel Carvalho, o Roxura.

Da Gazeta, de São Paulo extrahimos o seguinte: Em Santos. Foot-ball. Há dias, quando noticiamos a ida do foot-baller Antônio Peres para Pernambuco, dissemos que brevemente dois ou três players desta cidade lhe iriam fazer companhia. Hontem embarcou para lá o conhecido jogador da Americana Manoel Carvalho, o Roxura. Os outros nomes daremos oportunamente. (Jornal Pequeno, 11/5/1918, p.02)

O Sport Club do Recife, desejando o tricampeonato neste ano, o que lhe daria a posse definitiva do troféu oferecido pelo America (RJ) ainda em 1915 quando da sua presença no Recife, tratou de repetir a receita que o fez detentor dos dois campeonatos pernambucanos anteriores, mandando buscar jogadores experientes fora de Pernambuco. Em 17 de maio chegam a bordo do Itaquera, do Rio de Janeiro, Benedicto Fernandes e Antonio Augusto de Almeida, o Ferramenta, a fim de defenderem as cores rubro-negras.

Os peritos jogadores vem aqui fixar residência, defendendo, na presente estação do campeonato da Liga os interesses daquela acreditada sociedade, figurando em seu 1º team. É o caso de felicitarmos o valoroso Sport Club, bi-campeão das lides terrestres, por ver em seu seio mais essas ilustres figuras do foot-ball. (Jornal Pequeno, 17/5/1918, p.02)

Em 1916, o Sport trouxe do Rio de Janeiro o jogador Paulino e, em 1917, Cyro Werneck para disputarem os jogos finais nos respectivos fins de ano. Mas, com os novos estatutos, essa forma de “investimento” não era mais possível no ano de 1918.

A Liga, pelos seus novos estatutos exige que os jogadores registrados na vigência delles tenham residência no Estado pelo espaço de sessenta dias para poderem tomar parte em algum jogo do campeonato. [...] este anno a Liga cortou-lhe as asas assim como a qualquer club que quizesse fazer o mesmo. Determinou [...] que poderiam somente disputar o campeonato deste Estado aquelles que não no tivessem feito

em outra Liga. Isto é aquelles que quizessem jogar na Liga Pernambucana teriam de aqui estar no princípio da temporada (Jornal Pequeno, 22/5/1918, p.02)

O seu principal concorrente ao título, o America (PE) já havia feito três aquisições, duas antes da vigência dos estatutos (Alex e Bermudes) e outra (Perez) poucas horas após a aprovação dos novos regulamentos em 20 de março.

Já houve um caso de ter na Liga, o Sr. Perez, sócio do sympathizado America, registrado na Liga, 12 horas após estarem em vigor os estatutos, não obstante chegar antes da abertura do campeonato teve de sujeitar-se as suas disposições e deixar de jogar em três matches do America contra o Nautico, com o Flamengo e domingo Santa Cruz. Dura Lex sed Lex. (Jornal Pequeno, 22/5/1918, p.02)

Para o Jornal Pequeno, o Sport tinha agora um adversário à altura, o America (PE), pois este “cavou três optimos elementos de São Paulo, nas condições determinadas pelos estatutos de sorte que se acha com um team apto para bater-se com o mais forte daqui” (Jornal Pequeno, 22/5/1918, p.02).

Favorável também à importação de jogadores, o America, que tinha na presidência um homem de dinheiro, o famoso coronel Seixas, reforçou seu time para a temporada com três profissionais: Alex, Bermudes e Perez. [...] Com dinheiro e um bom time, o America estava pronto para guerra do campeonato. (Alves, 2000:147)

Como se não houvesse mais jogadores, no Rio ou em São Paulo que atendessem o requisito de não ter jogado outra liga, o Sport foi até um país vizinho buscar um jogador. “Resolveu o Sport Club do Recife por um reforço ingentissimo buscar ás pressas, no Uruguay, o extraordinário center-forward Mazzulo, a tempo de completar 60 dias para jogar contra o America”. (Jornal Pequeno, 22/5/1918, p.02).

A logística para o transporte do jogador uruguaio até as terras pernambucanas de modo que este chegasse 60 dias antes do esperado jogo contra o America é de impressionar. Partindo de Montevideú no dia 13 de maio, chegou ao Rio de Janeiro às 6 da manhã do dia 17. Embarcou no navio Brazil, no mesmo dia, às 10 horas da manhã, desembarcando em Maceió na manhã do dia 22.

Para pode elle jogar contra o America no dia 21 de julho, é preciso que esteja hoje em território pernambucano. Mas como, si o Brazil, tem de se demorar naquella porto? O Sport, com uma argúcia extraordinária, mandou um emissário áquella cidade espera lo: alugou um automovel

da Great Western que os trarão, por vir mais ligeiro que o trem, que talvez não alcançassem. Ao pisarem na fronteira, em “Lage” do Canhoto, pedem a autoridade competente um attestado de estarem em território pernambucano. Em Quipapá pedirão outro ao juiz de direito, e assim legalizados irão descançar em Colonia, da enfadonha viagem que vem fazendo, chegando amanhã, pela manhã, pelo trem do horário [...]. (Jornal Pequeno, 22/5/1918, p.02).

A operação montada pela diretoria do Sport para buscar o uruguaio Pedro Mazzulo, que contou até com o aluguel de um automóvel, nos leva a alguns apontamentos. A troco de quê um jogador sairia de sua cidade (no caso, estrangeira) para jogar futebol numa outra cidade distante cerca de 3.690 quilômetros? Por que tanto interesse e empenho em trazê-lo para reforçar a equipe, se oficialmente o futebol era uma prática desinteressada, adotada de refinamento?

Notamos que o futebol passava progressivamente a ser levado mais a sério por todos os envolvidos. Os clubes agora almejavam mais do que uma simples vitória, lutavam por troféus. As partidas não eram mais uma simples “brincadeira”. Faziam parte de campeonatos que deveriam ser vencidos. Os jogadores, por sua vez, através das vitórias, davam demonstração de suas qualidades e competências. A chegada de um jogador uruguaio demonstra o grau de adiantamento a que chegou o futebol no Recife. Não podemos deixar de imaginar que Pedro Mazzulo recebeu algum tipo de incentivo, seja pecuniário ou outro tipo de benefício, para vir jogar futebol nos campos recifenses.

Apesar da resistência de alguns elementos mais conservadores a inserção de “importados” era cada vez mais crescente. A crescente necessidade de jogadores cada vez mais preparados e treinados demonstra o grau de seriedade que o futebol estava agregando. O campo futebolístico, marcado pela tensão entre amadorismo e profissionalismo, transformava-se. A busca pela vitória parecia direcionar o futebol amador para um novo caminho: o profissionalismo.

Referências Bibliográficas

Arquivos

Arquivo da Federação Pernambucana de Futebol – FPF (Recife)- Atas e ofícios.

Acervo de microfilmes da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ (Recife) – Periódicos.

Livros, teses, dissertações e artigos científicos.

ALVES, Givanildo. Federação Pernambucana de Futebol: 1915-1999: 85 anos de bola rolando. Recife: Bagaço, 2000.

CAPRARO, André Mendes. Football, uma prática elitista e civilizadora – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

_____. Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. Tese - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

_____; JÚNIOR, Celso Moletta; JÚNIOR, Miguel A. de Freitas; SANTOS, Natasha. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. Revista de História Regional. Ponta Grossa, v.17, n.2, p.534-555, 2012.

COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaço de diversão e prazer no Recife nos anos 1920. Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

HOBBSBAWN, Eric. A Era dos Impérios (1875-1914). Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1998.

JÚNIOR, Hilário Franco. *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo, Cia. das Letras, 2007.

LIMA, Eduardo José Silva. Futebol e Modernidade no Recife dos primórdios do século XX. In: XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: NUMEM, 2010.

MARANHÃO, Tiago Jorge de Albuquerque. Para o melhoramento da raça. Eugenia e segregação no futebol do Recife (1905 -1910). Monografia (Bacharelado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

_____. Inferiores e degenerados: “raça” e futebol no Recife do início do século XX. Disponível em <http://www.facol.com/gestus/artigos/artigo5-completo.htm>. Acesso em 02/4/2014, às 09h24.

MORAES, Hugo da Silva. Jogadas insólitas: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História social no Futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

REZENDE, Antonio Paulo. O Recife. Histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

SALLES, José Geraldo do Carmo. Entre a paixão e o interesse: o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro. 2004. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil III. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Joanna Lessa Fontes. Entre amadorismo e profissionalismo - o exemplo do processo de esportivização brasileiro a partir do futebol. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009, Recife. ANAIS XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009.

YAMANDU, Walter; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920 – 1930) Recorde: Revista de História do Esporte vol. 5, n.2, junho-dezembro de 2012, p. 1-13.